



PESQUISA COMPORTAMENTAL

PODER DE COMPRA DO CONSUMIDOR NA PANDEMIA

INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19 trouxe a necessidade de isolamentos e restrições que afetaram a economia, mudaram hábitos de consumo e o poder de compra dos consumidores. Desde o início deste evento, a Fundação Procon-SP tem realizado diversas atividades para orientar e proteger os consumidores, dentre as quais, pesquisas que serviram de base para essas ações.

Agora, quando a situação pandêmica completa um ano de seu início no Brasil, a Escola de Proteção e Defesa do Consumidor da Fundação Procon-SP, por meio do Núcleo de Inteligência e Pesquisas, realizou a presente pesquisa com o objetivo de captar como a situação financeira dos consumidores foi afetada. O foco central é a percepção dos consumidores quanto ao seu poder de compra durante esse período, porém, foram investigadas também suas eventuais dívidas e expectativas quanto ao seu futuro econômico, ao da economia brasileira e mundial.

METODOLOGIA

No período de 08/02 a 15/03/21, foi disponibilizado no sítio eletrônico e nas redes sociais do PROCON-SP, um questionário com dezesseis perguntas estruturadas. Responderam a pesquisa 5007 consumidores.

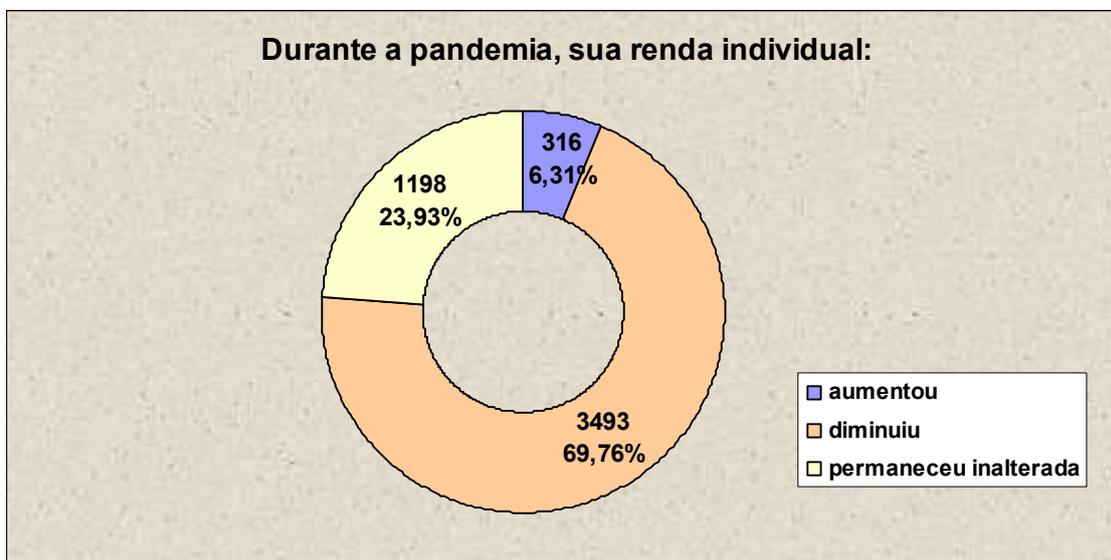
A seguir apresentamos os resultados.

RESULTADOS E ANÁLISE

Renda e Poder de Compra

Com foco na renda individual, os entrevistados foram inicialmente questionados se, do início da pandemia da Covid-19 no Brasil até o presente momento, sua renda aumentou, diminuiu ou permaneceu estável.

A maioria, **69,76%** (3493), afirmou que sua renda individual diminuiu. Para **23,93%** (1198) a renda permaneceu inalterada e somente para **6,31%** (316) aumentou.

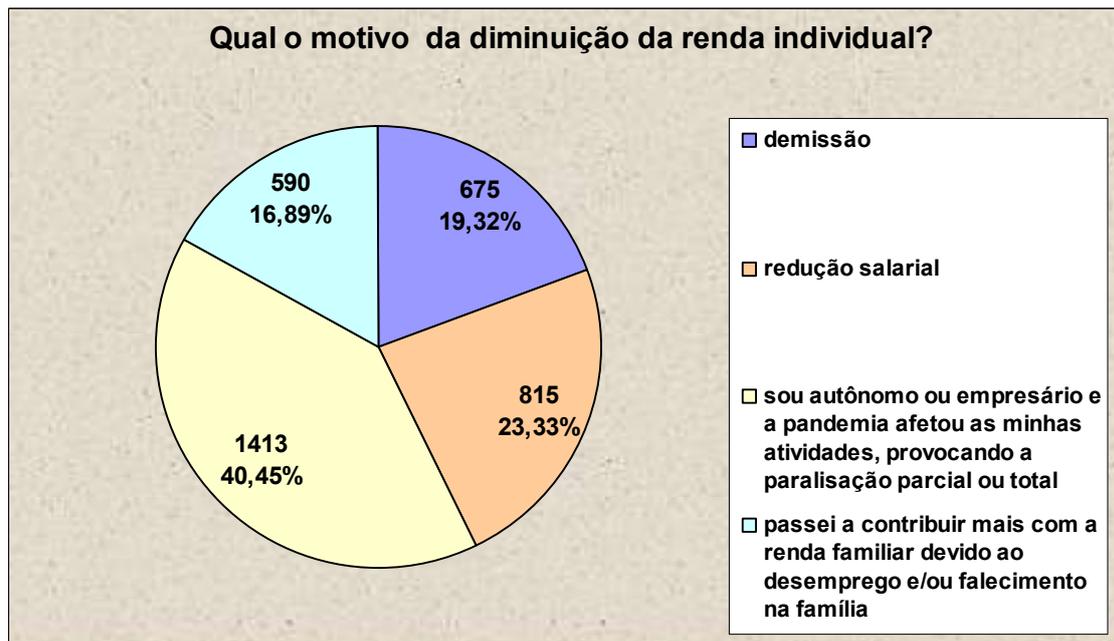


Base: 5007 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas – PROCON-SP

A renda individual aqui é a mensal, que pode ser decorrente de salário e/ou outra fonte, fixa ou variável. Como vimos, a maioria considera que sua renda diminuiu do início da pandemia no Brasil até o presente momento, ou seja, cerca de um ano.

Prosseguimos investigando os motivos, questionando aos que afirmaram que sua renda individual diminuiu (3493), qual teria sido o principal motivo.



Base: 3493 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas – PROCON-SP

O maior percentual de entrevistados, **40,45%** (1413), afirmou que sua renda diminuiu em decorrência da paralisação parcial ou total de suas atividades de autônomo ou empresário.

Em seguida, **23,33%** (815) afirmaram que tiveram redução salarial e **19,32%** (675) viram seus rendimentos diminuírem em decorrência de demissão, o que pode significar, neste último caso, não somente uma diminuição, mas uma extinção do principal rendimento. Esses dois percentuais correspondem àqueles cuja principal renda é decorrente de emprego.

A possibilidade de suspensão do contrato de trabalho e redução salarial em até 70% na jornada e no salário veio com a Lei Federal 14.020/20, promulgada visando evitar demissões e preservar renda. O valor restante do salário em vigor seria complementado por um Benefício Emergencial, correspondente a um percentual do Seguro-Desemprego a que o trabalhador teria direito em caso de demissão. Essa medida que teve validade até 31/12/20 está em vias de ser prorrogada. Nem todas as empresas ou trabalhadores foram abrangidos por essa possibilidade.

De acordo com a Pesquisa “Efeitos da Pandemia sobre o Mercado de Trabalho” da Fundação Getúlio Vargas, publicada em setembro/20, a renda dos trabalhadores brasileiros caiu em média 20,1% no segundo trimestre de 2020, o principal motivo foi a redução de 14,34% na média nacional da jornada de trabalho. Ainda, segundo essa pesquisa, a taxa de ocupação (que mede o nível de emprego no

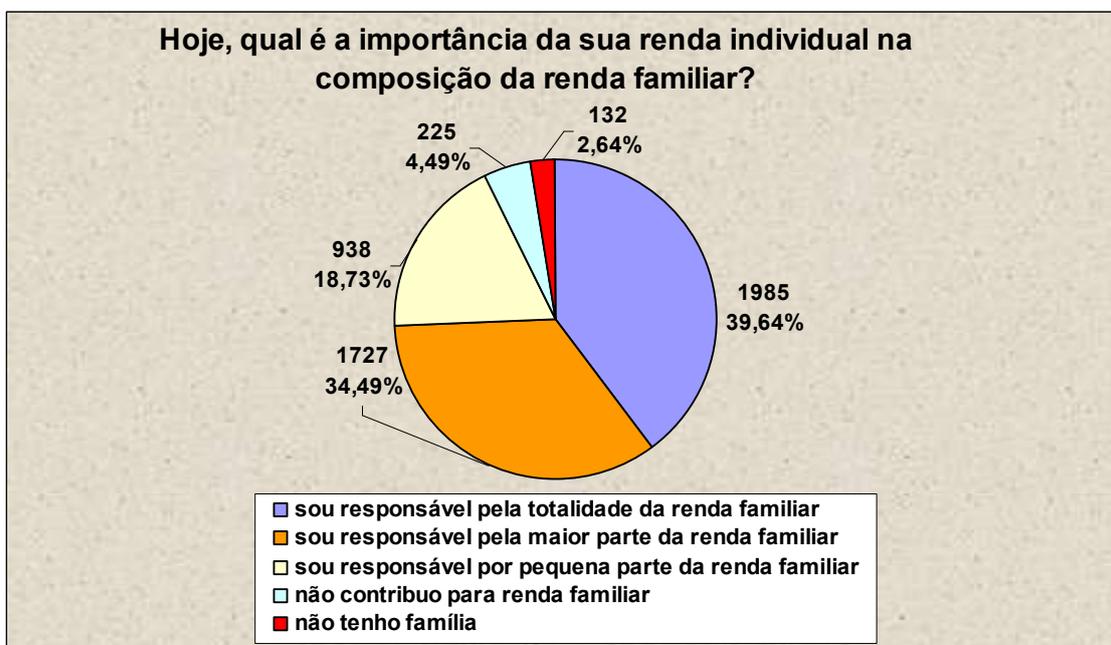
país) caiu 9,9%, entretanto o levantamento aponta que sem a redução das jornadas essa taxa poderia ter caído ainda mais.

Por fim, **16,89%** (590) tiveram diminuição em sua renda individual não em decorrência da diminuição direta em seus rendimentos, mas pela necessidade que passaram a ter de contribuir mais para a renda familiar, em decorrência de desemprego e/ou falecimento na família. Temos aqui uma perda indireta da renda, já que houve a diminuição da renda da família, que obrigou uma maior partilha da renda individual.

Foi questionado a todos os entrevistados, independentemente de ter havido alteração em sua renda, qual a importância de sua renda individual na composição da renda familiar.

Os resultados apontaram que **39,64%** (1985) são responsáveis pela totalidade da renda familiar, ou seja, sua renda individual é a renda familiar e um percentual muito próximo, **34,49%** (1727), é responsável pela maior parte da renda familiar.

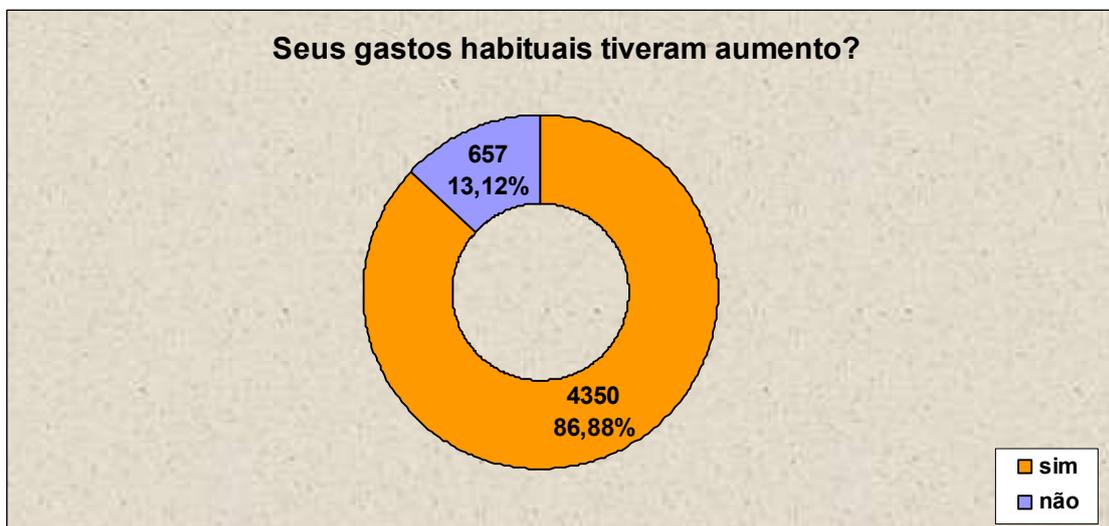
Apenas 7,13% dos entrevistados têm renda desvinculada de uma família já que **4,49%** (225) afirmaram que não contribuem para a renda familiar e **2,64%** (132) não têm família.



Base: 5007 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas – PROCON-SP

Sobre o que ocorreu com os gastos dos entrevistados durante a pandemia, foi inicialmente questionado a todos se consideram que seus gastos habituais tiveram aumento. A grande maioria, **86,88%** (4350), afirmou que sim.



Base: 5007 entrevistados

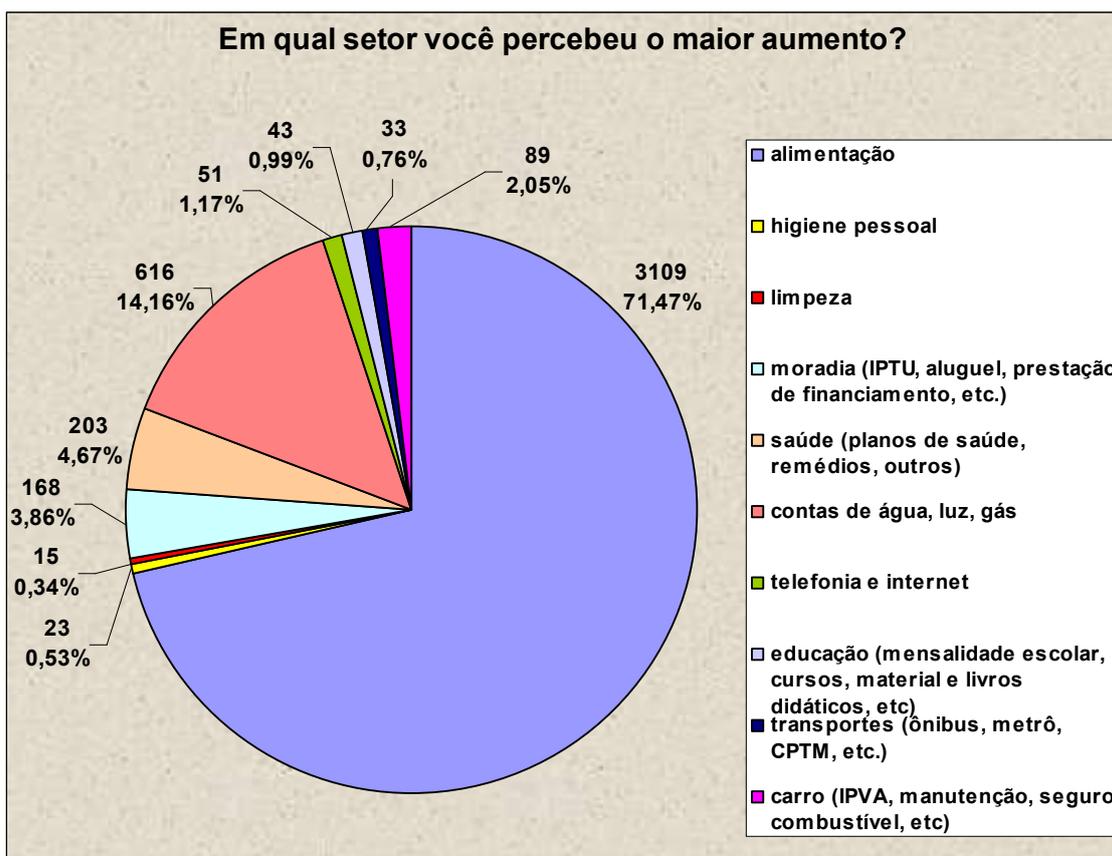
Núcleo de Inteligência e Pesquisas – PROCON-SP

O aumento de gastos pode significar um aumento de consumo ou uma perda do poder de compra (capacidade de adquirir bens e serviços) em decorrência do aumento de preços, ou ainda, considerando que a base são os rendimentos individuais, na necessidade de suprir a família. Como o foco da pesquisa é o poder de compra, as questões seguintes buscaram melhor identificar em que o consumidor passou a gastar mais.

Aos que afirmaram que tiveram aumento em seus gastos pessoais (4350) e sempre partindo da percepção do consumidor, questionamos em qual setor o entrevistado verificou ter aumento de gastos.

A grande maioria, **71,47%** (3109), teve aumento de gastos com alimentação. Podemos afirmar que o aumento com alimentação decorreu, dentre outros possíveis fatores, ao aumento de preços dos alimentos. Em 2020, de acordo com a pesquisa da Cesta Básica Procon-SP/Dieese, os alimentos tiveram alta de 31,69% em São Paulo.

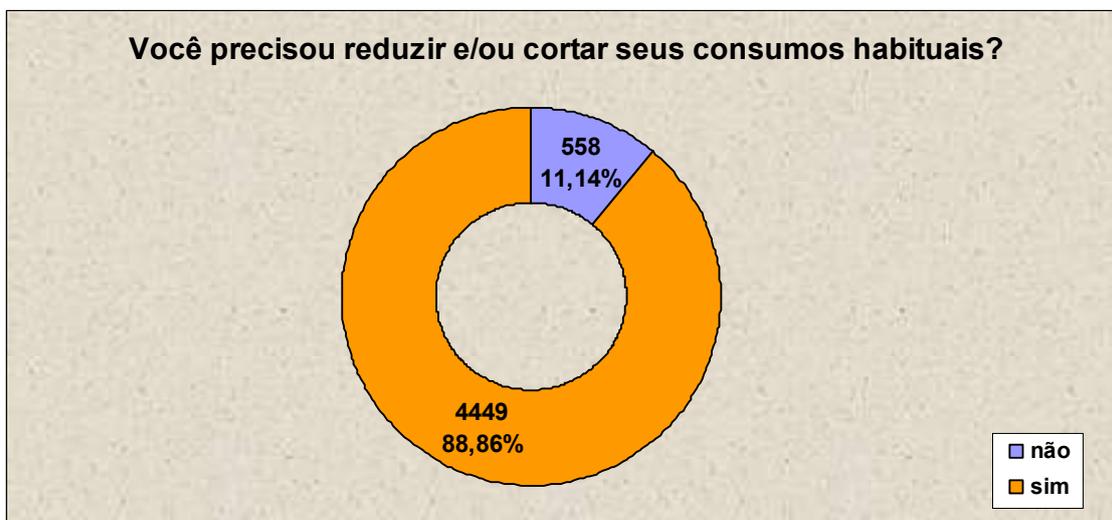
Outro aumento sentido por **14,16%** (616) foi nas contas de consumo, tais como, água, luz, gás etc.



Base: 4350 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas – PROCON-SP

Uma das possíveis consequências da diminuição da renda é a redução ou corte dos consumos habituais. Assim, ainda na investigação sobre gastos foi questionado se o entrevistado precisou reduzir e/ou cortar seus consumos habituais e a grande maioria, **88,86%** (4449), respondeu que sim.



Base: 5007 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas – PROCON-SP

Na sequência, aos que tiveram que reduzir ou cortar seus consumos habituais (4449), questionamos em quais setores ocorreram essa redução, apresentando algumas alternativas e permitindo que o entrevistado apontasse uma ou mais.

Os setores mais apontados foram: alimentação (3078), telefonia e internet (1498), contas de consumo (água, luz, gás) (1471) e saúde (1196).

Em quais setores você precisou diminuir e/ou cortar o consumo? (permitia apontar mais de uma alternativa)	
	Nº de entrevistados
Alimentação	3078
Telefonia e internet	1498
Contas de água, luz, gás	1471
Saúde (planos de saúde, remédios, outros)	1196
Carro (IPVA, manutenção, seguro, combustível, etc)	1166
Educação (mensalidade escolar, cursos, material e livros didáticos, etc)	1024
Higiene pessoal	993
Limpeza	973
Transportes (ônibus, metrô, CPTM, etc.)	794
Moradia (IPTU, aluguel, prestação de financiamento, etc.)	636

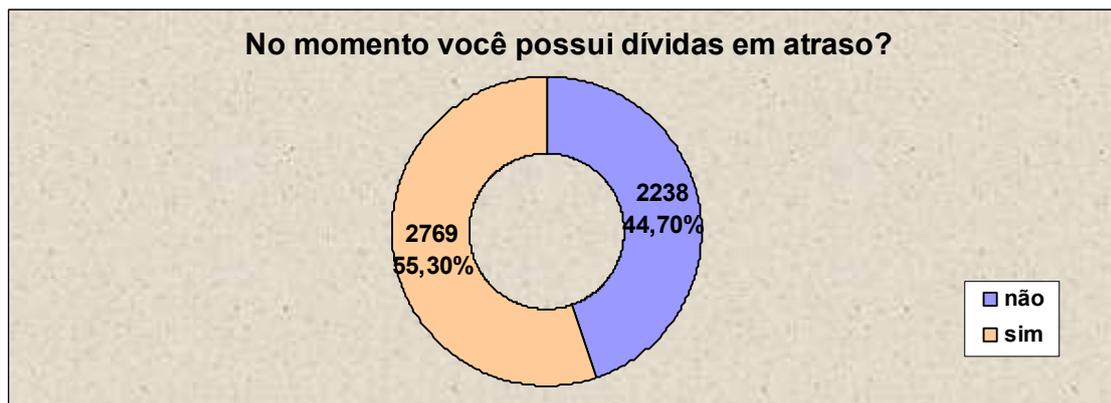
Base: 4449 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas - Procon-SP

Os setores mais apontados são considerados essenciais o que pode indicar uma piora na qualidade de vida. Mesmo a telefonia e internet, num momento em que o isolamento social é uma das medidas indicadas para conter o avanço da pandemia, esses serviços se tornam fundamentais para trabalho, estudo e comunicação com parentes e amigos, bem como para compras à distância.

Endividamento

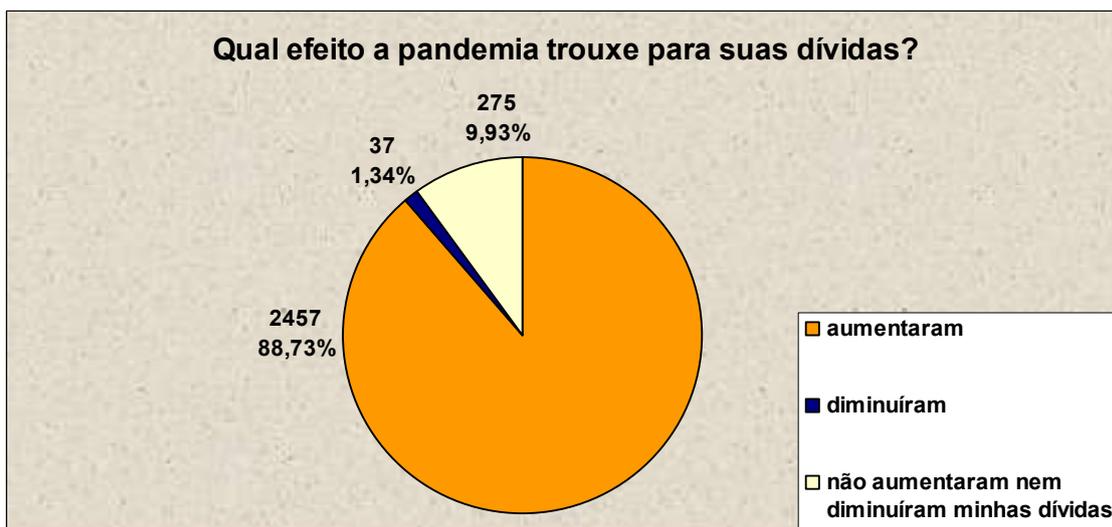
Buscando verificar um pouco mais sobre a situação financeira dos entrevistados, questionamos se possuem dívidas em atraso. A maioria, **55,30%** (2769) afirmou possuir.



Base: 5007 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas - PROCON-SP

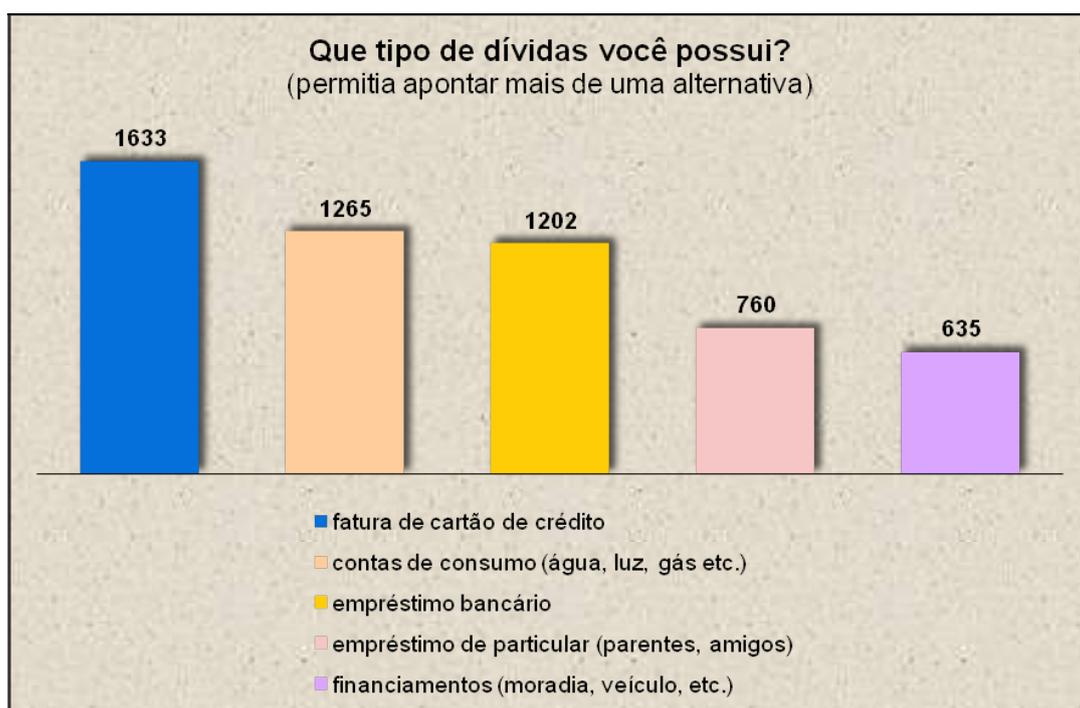
Aos que afirmaram possuir dívidas em atraso (2769), buscamos saber qual foi o efeito da pandemia sobre essas dívidas. A grande maioria, **88,73%** (2457), afirmou que suas dívidas aumentaram com a pandemia. Para **9,93%** (275), as dívidas não aumentaram nem diminuíram o que pode indicar que já estavam com dívidas em atraso antes da pandemia. Somente **1,34%** (37) tiveram diminuição em suas dívidas.



Base: 2769 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas – PROCON-SP

A seguir, questionamos qual tipo de dívida possuem aqueles que estão com dívidas em atraso, independentemente de ter havido aumento, redução ou ter permanecido inalterada, permitindo a escolha de uma ou mais alternativas. As respostas estão no gráfico abaixo.



Base: 2769 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas – PROCON-SP

As dívidas com cartão de crédito lideram (1633), seguidas de contas de consumo (1265) e empréstimos bancários (1202).

O cartão de crédito é meio muito acessível de crédito, no entanto, as taxas de juros cobradas ainda estão muito altas o que pode levar ao descontrole e ao endividamento, especialmente quando utilizado para complementar a renda.

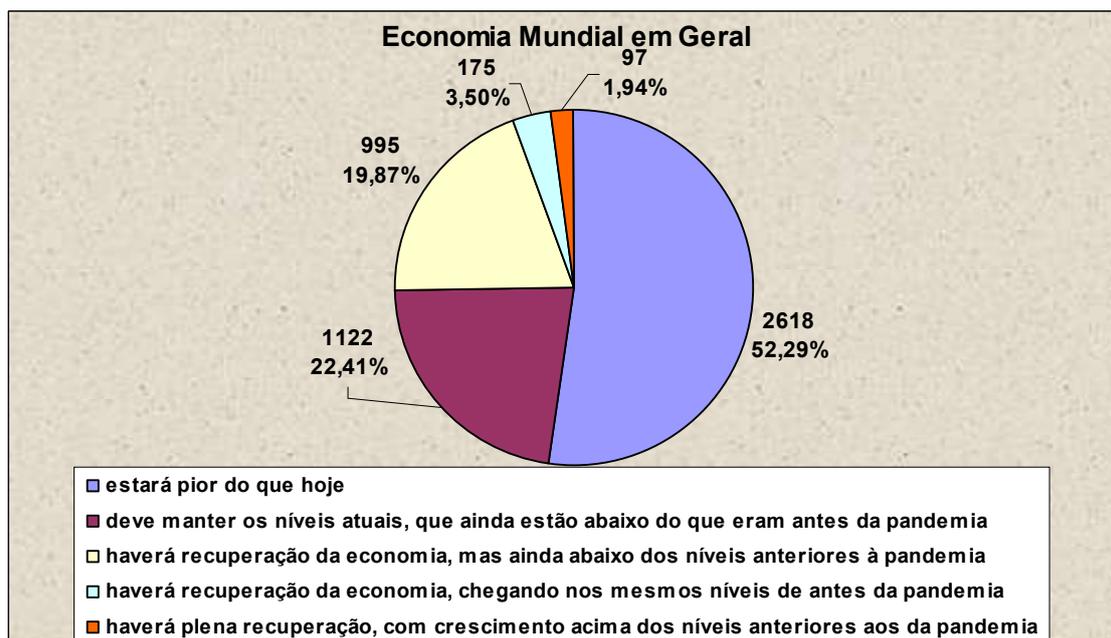
Atrasar contas de consumo é um forte indicador de que os rendimentos não estão sendo suficientes nem para o mais básico.

Expectativa dos consumidores sobre o futuro econômico

Foi solicitado aos entrevistados para que, a partir de sua percepção, avaliasse o que se pode esperar das atividades econômicas nos próximos seis meses em relação à economia mundial em geral, à economia brasileira e, finalmente, a sua própria situação econômica.

Quanto à economia mundial em geral, a maioria, **52,29%** (2618) acredita que estará pior do que hoje, **22,41%** (1122) acreditam que a economia vai manter os níveis atuais e **25,30%** (1207) acreditam que haverá recuperação econômica, porém com percepções relativamente diferentes. Vale destacar que desse último grupo a grande maioria acredita na recuperação da economia mundial em geral, mas ainda abaixo dos níveis anteriores à pandemia.

Podemos afirmar que, no geral então, os consumidores estão pessimistas com o futuro da economia mundial.

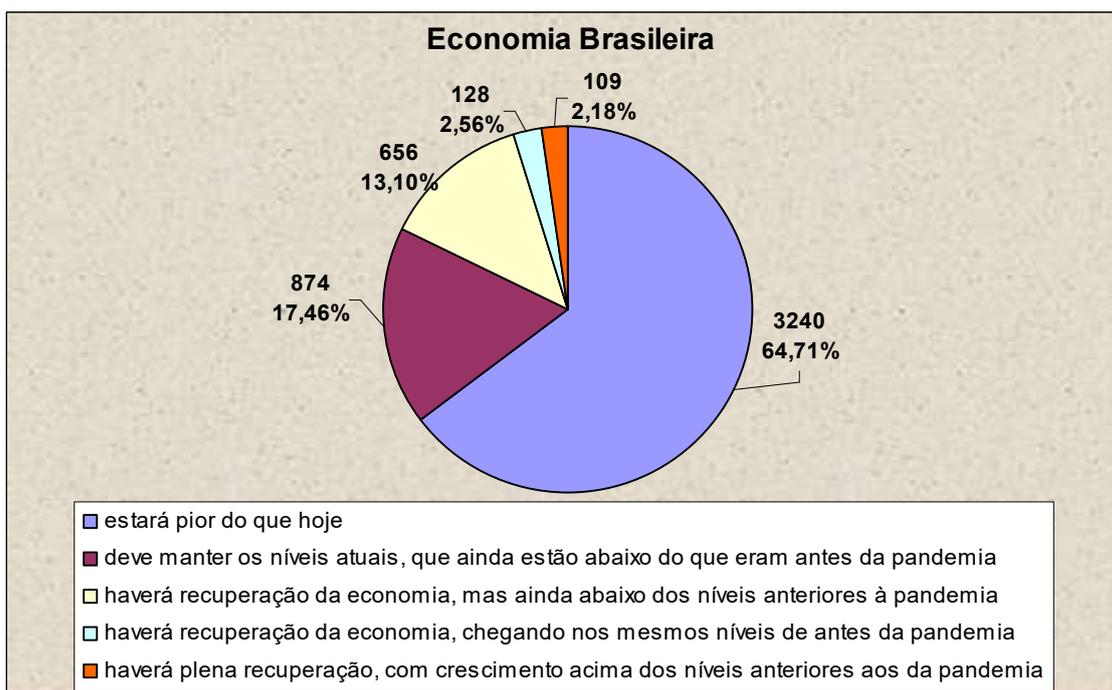


Base: 5007 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas – PROCON-SP

Quanto à economia brasileira, a percepção se assemelha aos que acreditam que ocorrerá com a economia mundial, porém, o percentual de pessoas que consideram que estará pior que hoje é ainda maior, **64,71%** (3240). **17,46%** (874) acreditam que a economia manterá os níveis atuais e **17,84%** (874) acreditam que haverá recuperação econômica, mas em níveis diferentes, conforme destacado no gráfico.

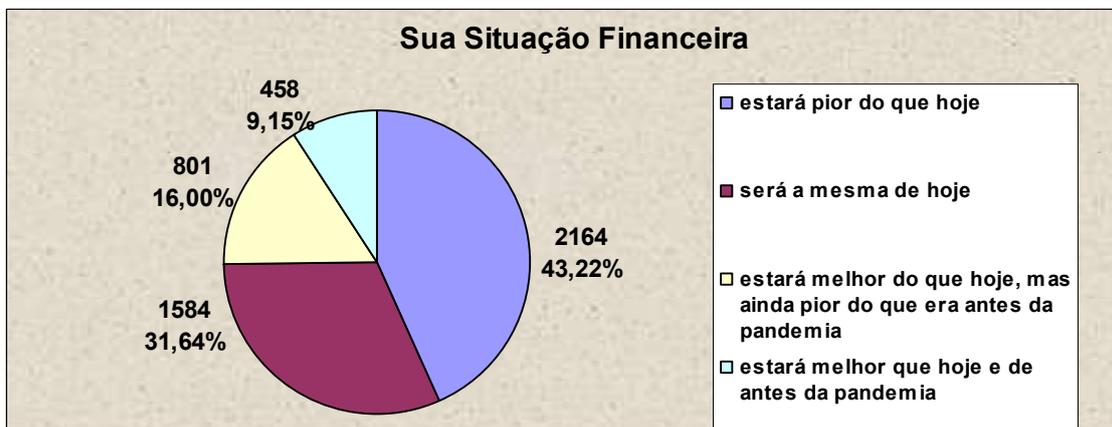
No geral, o pessimismo prevalece.



Base: 5007 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas – PROCON-SP

Em relação a sua própria situação financeira, o maior percentual é daqueles que acreditam que nos próximos seis meses estará pior do que hoje: **43,22%** (2164). A seguir, temos **31,64%** (1584) que acreditam que a situação permanecerá inalterada.



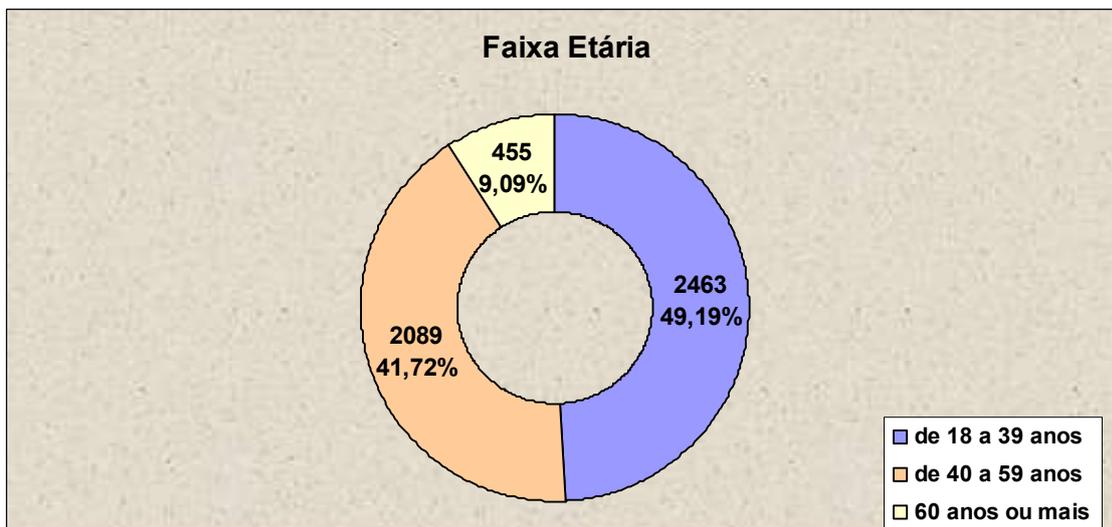
Base: 5007 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas – PROCON-SP



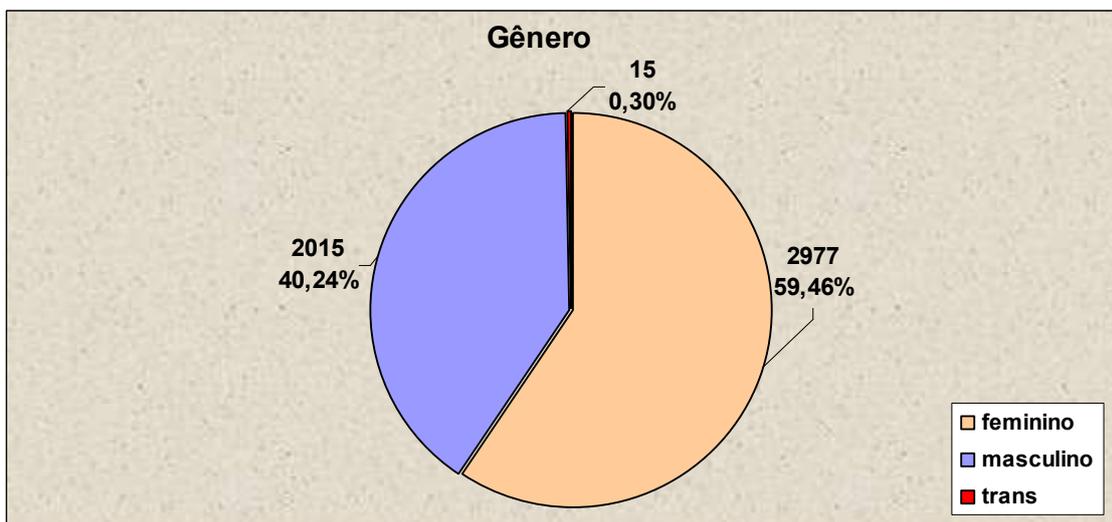
Com relação à sua situação financeira, os entrevistados são menos pessimistas do que a situação do Brasil e a do mundo.

Perfil dos entrevistados



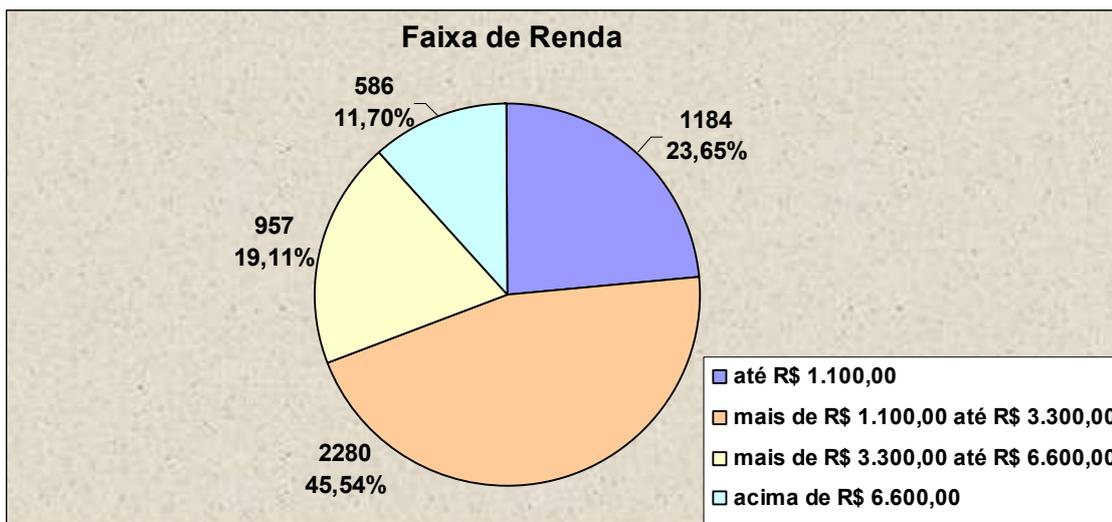
Base: 5007 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas – PROCON-SP



Base: 5007 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas – PROCON-SP



Base: 5007 entrevistados

Núcleo de Inteligência e Pesquisas – PROCON-SP